

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógicas em Saúde

– EducaSaúde -

Gabriel Feichas Alves

**EQUIS: cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de subjetivação
e na construção da atenção em saúde mental coletiva**

Porto Alegre

2010

**EQUIS: cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de
subjetivação e na construção da atenção em saúde mental coletiva**

Gabriel Feichas Alves

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, como trabalho de conclusão de curso e requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Prof^ª. Maria Cristina Carvalho

Porto Alegre

2010

A474e Alves, Gabriel Feichas

Equis: cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de subjetivação e na construção da atenção em saúde mental coletiva / Gabriel Feichas Alves; Orientadora Maria Cristina Carvalho ; supervisora Aromilda Grassoti Peixoto. -- Porto Alegre, 2010.
37 f.

1. Educação. 2. Saúde Mental. 3. Saúde Coletiva. 4. Psicologia. I.
Título.

CDU 159.9:37
CDD 159.9

Gabriel Feichas Alves

**EQUIS: cidade horizonte emergência de cidades nas práticas de
subjetivação e na construção da atenção em saúde mental coletiva**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde, como trabalho de conclusão de curso e requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Prof^a. Maria Cristina Carvalho

Data da defesa: 11 de dezembro de 2010.

Resultado

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Cristina Carvalho da Silva
UFRGS e SMS/POA

Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim
UFRGS

Profa. Dra. Aromilda Grassotti Peixoto
UFRGS e SMED/POA

Bilhete ao Leitor

Aos que querem Utopias:

"O presente é o espaço fugaz entre o não mais e o não ainda". (ARENDR, 2010)

Para aqueles que precisam de "mapas" para andar, ofereço um guia:

Estas páginas que se seguem devem ser lidas por aqueles que conseguem ler e ouvir histórias sem se preocupar em saber de onde elas vieram ou sobre quem estão falando ou, ainda, em que autores se referenciam para dizer o que dizem aqueles que escrevem.

Se, com este alerta, a leitura se seguir, então será possível o conhecimento sobre as andanças de Gouche, apresentadas ao então residente especializando de pedagogia na área da saúde mental coletiva e sua preceptora¹ de núcleo durante a Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva. Este texto é o trabalho de conclusão de um programa de especialização que se realiza em serviço, sob a modalidade de formação especializada em área profissional da saúde, como previsto pela Lei Federal nº 11.129, de 2005.

Este texto foi escrito para exercer três funções básicas, a saber:

Dar conta de um texto exigência para completar a formação em Saúde Mental Coletiva; escrever um texto que versasse sobre algum tema relacionado à formação em saúde mental; e apresentar um texto que, por meio dele, pudesse conversar com "leigos", ou pessoas "desavisadas" da temática e as propostas de Saúde Coletiva, da Saúde Mental e da Saúde Mental Coletiva. Talvez o mais pre(ten)cioso desejo com a escrita deste texto esteja nessa terceira "função" que, dita de outro modo, corresponde ao desejo de divertir àqueles que o escrevem, posto que um texto é re-escrito nos olhos daqueles que o lêem. Poderia dizer "satisfazer", mas um poeta satisfeito não satisfaz, como diz Mario Quintana. Ele, o poeta, abre espaços, fendas por onde passam, espreitam ou deslizam sensações e perguntas.

Então, digo divertir: Viva a incompletude, Viva a falta!

Apresentarei algumas trajetórias que, como tal, não trazem "verdades" ou "falsidades", são apenas descrições e impressões sobre o que vivi. Alerto aos leitores para que não percam tempo buscando "a verdade", preocupem-se com os encontros possíveis. Entreguem-se aos encontros, como uma criança que ouve histórias.

Aviso que além de algumas citações "escancaradas", existem algumas impressões, assim como documentos oficiais e autores escondidos e que, por uma "tomada de liberdade" assim permaneceram. A exemplo das liberdades, da escolha singular e das fendas, começarei esta escrita por uma carta a minha preceptora de pedagogia, nas trilhas do livro Utopia. Minha preceptora foi Aromilda Grassotti Peixoto, pedagoga, mestre e doutora em Educação, conhecida como Neca. Trarei uma das conversas com Neca para dar acesso ao meu texto ou aos desejos de minha iniciativa.

Diante de um texto meu, ela me pergunta como não coloquei uma palavra sobre atenção psicossocial ou sobre o trabalho *de* ou *em* Centros de Atenção Psicossocial.

Agora vou falar desse lugar, mas talvez não haja neste texto presente nenhuma marca que diga "isto aqui é ficção"; "isto aqui eu vivi"; "esta outra parte é como deve ser, segundo a

¹ Preceptor de núcleo é como chamamos àquele profissional que, em situação de acompanhamento de um aprendiz da mesma prática profissional, exerce acompanhamento docente-assistencial, ensina com a propriedade de quem faz, já fez ou sabe fazer em determinado campo profissional, quando aplicado a realidade de trabalho.

cartilha enviada pelo Ministério da Saúde." Darei passagem a personagens fictícios, coloque e à minha preceptora na cena fictícia. Todos os elementos da cena fictícia serão extraídos de cenas reais onde um de nós ou ambos estivemos e sobre as quais conversamos. Todo o material, portanto é falso e real, não aconteceu, mas estava lá, em território de acontecimento. A narrativa é encadeada por Gouche, a cidade e a circulação pela cidade, segundo o circular de sua guia Falbalá, uma anfitriã e mobilizadora de aprendizagens. Gouche não existe, não é ninguém, mas é e/ou está em todos com quem convivi ou ainda com quem partilhei meu caminho durante a vida e, em especial, nestes dois anos de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde Mental. Poder-se-á, assim espero, chegar-se a pensar sobre *um* ou *os* Centros de Atenção Psicossocial, sobre a rede de atenção integral em saúde mental e sobre as pessoas portadoras de sofrimento psíquico em seus encontros com os equipamentos assistenciais em saúde quando demandam cuidado em saúde mental.

Mais do que apontar o que cada "parte" diz e onde estamos em relação aos cuidados em saúde mental, este texto deverá ser um convite aos que querem pensar utopias. É um convite àqueles que querem "construir escadas para alcançar a lua. O que vale não é a chegada, mas as diversas partidas e os encontros emergentes durante a "jornada".

Alguns autores estiveram comigo para pensar as aprendizagens porque passei e habitam minhas formas de agora pensar, portanto estarão presentes na minha forma de narrar, mas não apresentarei um texto científico, trarei o cidadão Gouche e a cidade por onde circulou, uma cidade horizonte, sempre mais distante, quanto mais nos aproximamos. Não porque não a alcancemos, mas porque sua geografia se altera, se desterritorializam suas fronteiras e é como se a cidade, da cidade emergisse, nós e' que não a víamos. Sua história se modifica e é como se a história não tivesse existido, estando por existir. Falo de Equis, a cidade por onde Gouche andou, a cidade que se desencanta quando tento narrar o que agora sei sobre saúde mental, saúde coletiva e saúde mental coletiva.

Alguns autores serão apresentados de maneira clara, estarão presentes em citações; outros circularão como almas trazidas à vida no interior de práticas narradas, modos de ler e modos de escrever, sem nomes anunciados; e outros estarão referidos como vozes em minha carne e minha memória, de modo tão presente que não chego a lembrar que um dia estiveram "fora" de mim, já não pertencem a este ou aquele texto de referência, me pertencem, e eu a eles.

Ainda sobre este trabalho e sobre as cidades aqui citadas é importante anunciar que todas são compostas das diversas cidades pelas quais andei, ou por aquelas por onde posso ainda vir a transitar. Estive em todas as cidades "reais" que dão pistas para as cidades contadas. Estive através de meus passos ou do narrar e do olhar de outros. Anuncio as cidades de Porto Alegre, Viamão, Novo Hamburgo, Esteio, São Leopoldo, Campinas, Brasília, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, como cidades por onde circulei no tempo da Residência, além "das outras três". Se preciso for, marcar um começo, escrever um nome, começemos nossa história na cidade de "Vera Cruz", alusão ao país que abriga as cidades que pude pessoalmente percorrer nessa Residência.

Sáímos então, Neca e eu, de Vera Cruz.

RESUMO

Este trabalho mostra o circular pela saúde mental coletiva através de encontros e narrativas de um personagem por uma cidade chamada “Equis”. Narrativa esta semelhante ao proposto por Morus em seu livro “A Utopia”. O autor, nesta revisão de literatura, trás também reflexões sobre redes de cuidado e convoca para o pensar sobre os Serviços Público de Saúde, sobre o cuidar e o ser cuidado no espaço da cidade e da vida. Aponta utopias, como horizontes a buscar e compartilha cenas de cotidianos possíveis.

Palavras-chave: Saúde Mental. Saúde Coletiva. Utopia.

ABSTRACT

This work shows the wander by the collective mental health through meetings and narratives of a character in a city named "Equis". This narrative is similar to that proposed by Morus in his book "Utopia". The author, in this literature review, also brings reflections on networks and calls for careful thinking about the Public Health Service, about caring and being careful in the city space and life. Points utopias, as horizons to seek and share scenes of everyday possible.

Keywords: Mental Health. Colletive Health. Utopia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Caps – Centro de Atenção Psicossocial

CNS – Conselho Nacional de Saúde

ESF – Estratégia de Saúde da Família

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

Nasf – Núcleos de Apoio à Saúde da Família

SUS – Sistema Único de Saúde

Ufrgs – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 CARTA À NECA	10
2 O INÍCIO DA CAMINHADA.....	12
3 DOS ENCONTROS.....	13
DEVANEIO I	17
4 DO CAPS AO TERRITÓRIO	19
DEVANEIO II	22
5 TRANSITANDO	24
6 A CIDADE.....	25
DEVANEIO III	26
7 ÁLAMO - O GUIA.....	29
DEVANEIO IV	30
DEVANEIO V.....	34
8 QUANDO CHEGAMOS... ONDE MESMO CHEGAMOS?	36
REFERÊNCIAS	37

1 CARTA À NECA

À Neca,

Minha amiga e colega, peço desculpas pela demora em escrever, mas muitas coisas acontecem: mulher, filha, casa, cachorro, trabalho, coisas estas da vida que nos fazem pensar sobre as prioridades e as escolhas que fazemos. Muito tempo se passou depois daquele encontro de fim de tarde em que Gouche nos contou de sua visita àquela terra da qual não me recordo o nome, talvez possas lembrar e acrescentar nesta revisão que farás do texto. Peço também que me digas se esqueci de algum fato importante.

Quando iniciei os escritos sobre a pequena cidade, lembrei-me de um livro que li há alguns anos. Retomei a leitura e encontrei algumas anotações que se aproximam do que relatou Gouche. O livro que li chamava-se “Utopia”, de Tomás Morus, escrito no ano de 1516. Trata-se de um livro sobre um *não-lugar*. Algumas pessoas passaram anos de suas vidas discutindo se existia o tal país... Onde ficava essa “ilha”? Ao sul ou ao norte? Mais perto da França ou das Américas? Discutia-se se realmente era tão belo e feliz o seu povo. Creio que estas são perguntas para não mudar o que está ao nosso alcance, ou seja, para fugir das perguntas que realmente devemos nos fazer. Conta Morus que em Utopia as pessoas eram livres e quando perdiam a liberdade era por graves ofensas ao coletivo; falava de um povo sem posses, mas onde não faltava nada a ninguém.

Thomas Morus trabalhava para o rei da Inglaterra, querendo fazer críticas ao modo como em seu país se estava vivendo. Sem poder fazê-las diretamente, encontra Rafael, um viajante que encontra Morus e narra sobre este país pelo qual passou em uma de suas viagens. Através desta personagem Morus fala de Utopia, o *não-lugar*. E ao contar sobre esse país, passa a ter condições de falar com amigos sobre as coisas que o descontentavam e sobre como pensava que poderia ser o mundo.

Hoje, olhando para o texto de Morus, encontro cenas que para mim são utopias, outras que podem ser pensadas como realidades, mas também,

algumas que fazem parte de um passado, de um horizonte já transposto. Quando trago a figura do horizonte é para ilustrar meu sentimento e entendimento sobre “Utopia”. Ao contrário do que apontam algumas pessoas, principalmente a partir do senso comum, não entendo a palavra utopia como algo inalcançável, inexistente ou delírio (algumas destas definições encontradas no dicionário). Entendo utopia como um lugar aonde se quer chegar. Olhamos para frente e vemos um horizonte, quando caminhamos em sua direção ele se altera, se distancia, mudam-se as utopias. Quando finalmente alcançamos o lugar que era horizonte, nosso horizonte se amplia e temos de continuar em frente, se quisermos chegar aos novos horizontes que se apresentam. Utopia ou esta cidade por onde Gouche transitou é um horizonte, um lugar *por* ou *para* onde podemos caminhar.

Espero que possas me ajudar nesta caminhada pelo narrar de Gouche e, principalmente, que encontres tuas marcas nestes escritos.

Abraços,

Gabriel.

2 O INÍCIO DA CAMINHADA

Íamos, Neca e eu, caminhando pelo centro da cidade de Vera Cruz, quando distinguimos, em meio aos transeuntes, a figura de um homem aparentando ter 40 anos, com barba por fazer, estatura mediana, roupas gastas, mas limpas, com uma mala de garupa (espécie de mochila), caminhando pela calçada. Ele caminhava alguns metros à nossa frente. De repente ele pára, apóia a mala aos pés e fixa o olhar no horizonte, no fim da cidade, ou o mais distante que seus olhos conseguiam ver, por entre os prédios.

Diminuímos o passo ao ver o homem parando e, quando passávamos por ele, nos interrompeu com a seguinte pergunta: “Como faço para chegar lá?” Apontava para um prédio, que se destacava entre as outras construções, pois parecia ser o mais distante de todos. Informamos que havia um ônibus que devia levá-lo para aquele bairro, mas que algum dos fiscais dos ônibus saberia explicar melhor.

Ele respondeu que queria saber se saberíamos chegar lá a pé. Surpreendidos pela pergunta, pois era bastante distante o lugar, respondemos que poderíamos tentar, se ele aceitasse nossa companhia naquela jornada. Ele assentiu com a cabeça, juntou a mala e pôs-se a caminhar na direção do horizonte. Seguia a passos largos, mas tranquilos, sem pressa, preciso em seus movimentos.

Após os primeiros passos apresentou-se como Gouche. Tão logo findaram-se as apresentações, começou a contar-nos de sua vida como andarilho, das pessoas que conheceu e das coisas que aprendera. Com ele discutimos sobre religião, cultura, saúde, educação e outros tantos assuntos que foram surgindo pela presença que exercem na cidade.

De todas as suas narradas andanças pelo mundo a que mais nos chamou a atenção foi aquela que contou de uma passagem pelo interior, quando teria conhecido, acidentalmente, uma cidade não muito grande. Desta cidade que nos contou - e desta narrativa - tento lembrar e escrever estas páginas.

Que a ninfa Mnemosine me auxilie a trazer à vida as memórias, que Hermes me acompanhe nesta caminhada entre os diversos mundos (letrados e iletrados; de educação e de saúde) e que as histórias, memórias e mundos, possam convidar os leitores a transitar por Equis, a cidade horizonte, a cidade em que a *Residência de Saúde Mental* me colocou, cidade emergência de cidades devido às práticas de subjetivação e de atenção em saúde mental coletiva.

3 DOS ENCONTROS

Gouche nos contou que vinha em suas andanças pelo mundo quando, ao se apoiar em um muro, corta a mão em uma ponta metálica. Continuou caminhando em direção a parte mais populosa da região onde se encontrava uma cidade chamada Equis. Logo que chegou à cidade, ficou a contemplá-la. Observou o povo, os movimentos, as construções e edificações. Ele buscava alguém que pudesse indicar um lugar em que pudesse fazer um curativo em sua mão. Enquanto olhava para as pessoas que por ele passavam, surge Falbalá, uma figura feminina e adolescente, mas de um feminino diferente do de Minerva, Hera ou Afrodite. Um feminino vivo, que se assemelha ao de uma Amazonas, talvez. Tal figura, montada em sua bicicleta, apontando para a mão de Gouche, pergunta se ele precisava de ajuda.

Neste momento, ele olha para si e lembra-se da situação que o trouxera àquela região da cidade: o corte na mão. Gouche explica, rapidamente, a situação e Falbalá se oferece para acompanhá-lo ao Posto de Saúde. Ela desce da bicicleta e caminha ao lado de Gouche. Enquanto caminham ela fala da cidade, suas origens, conta das ruas e das pessoas. O que mais impressionou o viajante foi a relação da “Amazonas” com a cidade. Ela percorre a cidade como quem percorre os cômodos de uma casa em que se vive há 20 ou 30 anos. Conhece cada canto, cada pessoa. Ela se apresenta, enquanto fala da cidade. Ela conhece a cidade e a cidade a conhece. Quando chegam ao posto de saúde, Falbalá despede-se e indica o balcão onde deveria buscar atendimento, monta em sua bicicleta e, depois de um aceno distante, desaparece em uma esquina.

Gouche identifica-se como viajante, uma senhora preenche uma ficha para atendimento e pede que ele aguarde na sala de espera a chamada por seu nome ou número de ficha (um tíquete verde com o número 66). Indica-lhe, ainda, que seria atendido na sala identificada como “sala de curativos”. Cada porta era de uma cor diferente, com um nome ou um número de sala. Nomes segundo uma função ou números segundo uma seqüência. Não há nomes que personalizem ou sugiram “um estilo” para a atenção que lá dentro se poderia obter.

Gouche senta-se ao lado de uma porta com o número 7, com a identificação “clínico geral” e em frente à porta verde escuro, onde se via o dizer: “sala de curativos”. Sentada a seu lado está uma senhora que aparenta uns 40 anos. Começam a conversar e ela conta que há pouco mais de três meses sua mãe havia falecido e que ela, mais ou menos no mesmo período, passa a sentir um grande cansaço, dores pelo corpo e a perceber um certo desconforto no seio esquerdo. Suspeitando de que se tratava da mesma doença que “matara” sua mãe, busca atendimento junto ao Posto de Saúde. Pretendia averiguar se também ela estava com câncer de mama. Ali seu médico a atende e encaminha ao hospital da cidade, para realizar uma mamografia. Ela realiza o exame e retorna para atendimento no posto. Como no exame não há indicação de nenhuma alteração, mas permanece o mal-estar, ela continua em atendimento no posto, com seu médico. Neste dia em que encontra Gouche está completando um mês de acompanhamento no posto, depois do resultado da mamografia. Assim que ela termina seu relato um homem de jaleco chama: “Camila Silva”. Ela se levanta e vai até o médico. Cumprimentam-se, entram na sala 7 e a porta se fecha.

Continuou Gouche na sala de espera, algumas crianças brincavam em uma mini-brinquedoteca, em um canto de pouca circulação. Elas estavam sobre um tapete de plástico. Em “L” estavam duas estantes de pouco mais de um metro de altura, cada uma de uma cor. Nelas, brinquedos e livros organizados, além de 2 ou 3 jogos. Duas das crianças brincavam de “comidinha” e uma terceira observava uma boneca que abria e fechava os olhos com a mudança de posição. Algumas pessoas da sala liam livros identificados com fita de mesma cor que uma das prateleiras das pequenas estantes, outras conversavam entre si e outras, ainda, apenas esperavam.

Dali há alguns instantes alguém da sala verde chama Gouche pelo nome. Era uma moça de pouco mais de 20 anos, com jaleco e um crachá em que se via o nome e a função da moça: “Penélope – Enfermeira”. Gouche contou como havia se machucado, e como havia chegado até ali. Ela o examinou, com o auxílio de um técnico de enfermagem, e explicou que como o corte era pouco profundo não havia necessidade de fazer “pontos”, mas que ele deveria tomar alguns cuidados com o curativo. Enquanto ela o examinava perguntou sobre suas vacinas, ao que Gouche explicou que estavam todas em dia.

Terminado o atendimento e o curativo Gouche assinou uma ficha de atendimento e preencheu um formulário de avaliação da atenção. *(Neste ponto da narrativa Gouche retira um pequeno pedaço de papel do bolso externo de sua mochila e mostra uma destas fichas de avaliação, com não mais que 3 perguntas objetivas, com um pequeno espaço para comentários, local para identificação e, se a pessoa desejasse, e-mail para retorno sobre dúvidas ou questionamentos).* Ele despede-se do técnico de enfermagem e da enfermeira; deposita a avaliação em uma urna logo ao lado de onde estava o guichê de atendimento e, sem mais delongas, deixa o Posto de Saúde.

Ao chegar no pequeno jardim em frente ao posto, encontrou Camila. Cumprimentaram-se e ela contou como fora a consulta. Explicou que o médico havia feito um encaminhamento ao Centro de Atenção Psicossocial (Caps). Gouche pergunta se não poderia ir com ela, para conhecer tal serviço, sobre o qual ouvira falar, mas não conhecia muito bem. Camila responde afirmativamente e os dois seguem em direção ao Caps. Camila contou a Gouche que o Caps é um serviço substitutivo de saúde mental, o que significa que as pessoas vão até lá quando em sofrimento mental ou quando encaminhadas por outros profissionais da rede intersetorial (saúde, assistência social, educação, entre outras). Os Caps podem fazer o caminho inverso, encaminhando pessoas para atendimento em outros serviços. Estes fluxos devem ser garantidos por documentos e ações de “referência” e “contra-referência”, que são uma forma de encaminhar as pessoas e comprometer-se com tal encaminhamento. Assim era o papel que ela recebera em que constava o nome do médico que a encaminhara, o local de onde ela estava “saindo” e o

serviço para o qual ela estava sendo encaminhada, além de um contato no Caps.

Ela até já tinha estado no Caps, levando uma tia, antes de sua mãe adoecer. Ali eles tinham oficinas ocupacionais, recreativas, desportivas e de arte; recebiam atendimento dos diversos profissionais que compõem a equipe multiprofissional e interdisciplinar de atenção em saúde mental; obtêm atendimentos individuais ou em grupo, além de ter acesso a atividades resultantes da parceria entre serviços de saúde e Secretaria Municipal da Cultura que oferta “pontos de cultura”. Os pontos de cultura são serviços “híbridos” em que profissionais da saúde, da educação e da cultura trabalham juntos aliando saberes e ações em benefício da população.

A proposta dos Caps é de ser referência para as situações de sofrimento em saúde mental, inclusive para os casos de crise, mas como nesta cidade o Caps é de “tipo II” em função do tamanho da população (menos de 70 mil pessoas na cidade) a retaguarda para crises que necessitem de internação é o hospital geral da cidade, com reserva de leitos psiquiátricos. O Caps, por ser um serviço de média complexidade, atua também como referência para que os postos, além de outros serviços e profissionais possam fazer ações de atenção à saúde mental. O serviço não atende a toda a demanda, nem é o centro da rede, mas é um dos dispositivos desta rede substitutiva aos hospitais psiquiátricos e dá subsídios a outros serviços, assim como estes outros serviços são de grande importância para que o trabalho no Caps funcione e seja garantida a “atenção integral a saúde mental”. A “invenção” dos Caps decorre de um movimento internacional e nacional de reforma psiquiátrica, que significa que as pessoas com sofrimento psíquico sejam atendidas o mais próximo possível de suas casas, de suas relações, de seus territórios. Tal movimento propõe que os serviços “especializados” vão à comunidade, ao território, promovendo saúde, pensando as pessoas que adoecem ao contrário de segregar “o doente” para “tratá-lo”. Cuidando de pessoas que adoecem e não de “doentes”. Camila explicou também que existem vários tipos de Caps e que na cidade eles tinham o Caps – Jacarandá e mais dois como ele, que eram de tipo II e atendiam os adultos; um Caps – i, que era para atendimento das crianças e adolescentes; um Caps – AD, que atendia situações de álcool e outras drogas. Ela sabia que tinha um outro tipo de Caps, que ficava aberto 24

horas, mas este não tinham em Equis, pois a população não era tão grande para que houvesse esta necessidade.

Camila contou sobre estas coisas todas enquanto falava de como tinha sido o acompanhamento de sua tia, depois de algumas crises em que fora parar no hospital por achar que “tinha alguém querendo matá-la”. Agora, a tia de Camila estava melhor, mas eventualmente buscava atendimento no posto. Frequentou o Centro de Cultura por um tempo, mas atualmente só vai até lá em alguns eventos ou quando a chamam para ajudar em alguma atividade pontual.

Em uma casa do bairro, Gouche avistou uma placa que dizia CAPS Jacarandá, número 181. Viu, em frente a esta casa, algumas pessoas conversando em uma parada de ônibus, sob a sombra de um grande flamboyant, outras que chegavam com suas bicicletas e as estacionavam em frente. Camila reconheceu uma das profissionais do serviço, que usualmente fazia visitas domiciliares e grupos de saúde, que todos conheciam como “conversas sobre literatura e abacateiros”, no bairro onde ela morava. Depois de breve apresentação a Gouche, ela seguiu para agendar seu atendimento no CAPS e Gouche seguiu caminhando pela cidade.

DEVANEIO I

A partir deste ponto do texto, passo a inserir *devaneios*, isto é, trechos em que Gouche dá lugar para que eu trate dos assuntos e pensares que julgo importante destacar das andanças dele. É uma pausa na caminhada de Gouche e um ensaio de pensar para mim e para aqueles que caminham comigo neste narrar.

Hoje, olhando para estas andanças de Gouche, dos encontros que aconteceram e dos que deixaram de acontecer proponho uma conversa sobre este circular pelo mundo e sobre as ações profissionais em saúde mental.

A cidade acolhe as pessoas, as recebe, encaminha, cuida ou expulsa. Mas quem é a cidade? A cidade, o território, não pré-existem, são como as cidades de Calvino, que se fazem com o circular das pessoas, com as conversas, com as chegadas e partidas. As cidades são as pessoas que vivem nas cidades. E como as cidades, ao longo da história, tem acolhido o sofrimento das pessoas? Algumas culturas isolam o “sofredor”, apontando-o

como fonte de males para os demais “viventes”; outras deixam seus sofredores andando entre os “sãos”, pois acreditam que sofrem por todos os outros, são “purgação dos males da humanidade”.

A cidade pode acolher, ou seja, as pessoas que vivem e circulam por uma cidade podem acolher umas às outras, bem como acolher eventuais visitantes. A vida da cidade é “garantida” nos encontros, nos momentos em que as pessoas se despem das máscaras e em um espaço comum aos dois, mas que não “pertença” a ninguém, se encontram. Assim é com relação à vida e à saúde, só produz-se saúde e vida nos encontros, nos espaços para subjetivação, mesmo que mínimos, microscópicos, eles são a garantia de vida.

Se ao chegar em um serviço de saúde, para atendimento, ninguém acolhe, o espaço não é adequado para que “encontros” aconteçam. pede-se silêncio de vozes e olhares, não se produz saúde, mas se mantêm doença e os doentes. Pensar pela lógica da saúde é diferente de pensar pela lógica da doença ou da cura. Saúde se encontra na vida e na vida adoecemos, mas não “somos” doentes, temos doenças. Algum “encontro” nos trouxe a esta condição de “adoecido”, outros encontros nos trazem outras possibilidades, mas se estamos ou somos isolados, fechados, excluídos não produziremos saúde, mas doença.

A tecnologia necessária para um “acolhimento” é ao mesmo tempo “complexa” e simples. Simples, pois não depende de ferramentas e máquinas de difícil manutenção ou equipamentos de proteção; complexa, pois não se compra um “curso de acolhimento”, não se “manda” alguém acolher, ou as pessoas acolhem ou não acolhem. O que podemos é convidar as pessoas a pensar no acolhimento, pensar nas relações que estabelecem com as outras pessoas. O que podemos é acolher as dificuldades de acolher e acolher àqueles que passam por nosso caminho.

Acolher nada mais é do que dispor-se para o “encontro”, palavra esta proposta por Deleuze, no livro Foucault. É criar espaço para a subjetivação, e isto só acontece quando nos dobramos sobre territórios não conhecidos, quando olhamos para o outro e buscamos nele um lugar comum, em que possamos comunicar, trocar, viver.

Encontrar-se com o outro é, em alguma medida, deixar de centrar-se em si, é ir para um espaço comum entre o dentro e o fora (dobra, espaço de

ressingularização), mas que não seja nem um nem o outro. Aí se tem espaço para subjetivação, aí se produz saúde, mas para tal precisamos estar dispostos para o encontro.

Além da disposição para o encontro precisamos poder circular pela cidade, poder encontrar-se com o diferente, com o que vive para além do que nos é igual. Portanto, garantir o direito de ir e vir é garantir a possibilidade de aprender, de defrontar-se com o diverso e de diferir. Se sofrermos e só podemos conhecer nosso sofrer, sem produzir vida ou outros encontros nossas chances de produzir outros modos de existir ficam reduzidos. Nos olham do mesmo modo, nos olhamos e olhamos para o mundo da mesma forma, nada muda, nada (ou pouco) se produz de vida.

Devo ainda lembrar que nunca se consegue “espaços sem encontro” ou de “encontros nulos”, pois, se assim fosse, a vida cessava. Da mesma forma, perder-se no todo (ou no “outro”) pode ser razão de sofrimento. Assim sendo, não flexibilizar-se para o encontro ou perder as fronteiras mostram a incapacidade da dobra.

4 DO CAPS AO TERRITÓRIO

Logo que Gouche retomou a caminhada vislumbrou ao longe uma caixa d'água, que abastecia parte da cidade. Dirigiu-se para lá, para ver a cidade de um ponto mais alto. A cidade era plana com pequenas elevações e Gouche a caminhava. A temperatura era agradável e o sol brilhava sobre os telhados. As árvores projetavam suas sombras ao longo das ruas. A caixa d'água ficava em um lugar mais retirado, o que possibilitou a Gouche passar por um bairro onde as casas eram mais simples. Em uma destas casas viu duas crianças brincando e uma senhora que, pela janela da cozinha, olhava o movimento enquanto lavava a louça.

Gouche chegou ao portão, cumprimentou as crianças e a senhora que o olhava da cozinha e perguntou se ela poderia dar-lhe um copo d'água. Ela prontamente respondeu que sim e o convidou a entrar. Gouche sentou-se em um banco próximo de onde as crianças brincavam e a senhora lhe trouxe a água. As crianças começaram a conversar com Gouche e logo o convidaram a

brincar. Brincaram de fazer estradas na parte de terra em frente à casa, com carrinhos de brinquedo, feitos de madeira e algumas tampinhas. Um menino, que tinha aproximadamente três anos, corria pelas estradas e parava para ver o que sua irmã estava fazendo, ela construía novas estradas. Gouche ia coletando galinhos, toquinhos e pequenas pedras para a construção das ruas e das pontes.

A mãe das crianças começa a conversar com Gouche, contando de quando era pequena e ela, com seus três irmãos brincavam. Gouche contou de suas andanças pelo mundo e, em especial, pela cidade e que achara interessante a proposta do CAPS, coisa bem diferente do que conhecia. Dona (como identificou-se a mãe das crianças) contou que sua mãe era atendida ali e que passara por situação bem difícil antes de mudar-se para esta cidade.

Dona vivia com sua mãe em uma cidade há mais de 300 km de Equis e lá viveu até seus 17 anos, quando a mãe, acompanhando o pai de Dona, mudou-se para uma cidade diferente, que tinha boas oportunidades de emprego. Foi assim que chegaram a Equis. A vida na outra cidade era difícil, viviam em uma casa em uma região alagadiça, próximo a um rio. O pai dela trabalhava o dia todo, a mãe ficava em casa, cuidando dos filhos. Eventualmente realizava alguns trabalhos para fora, como faxineira ou costureira. No inverno, quando era época de cheia, acontecia de ela e seus irmãos terem de dormir em camas improvisadas em escolas que acolhiam pessoas desabrigadas em função das enchentes e alagamentos. Seus pais tentavam salvar móveis e utensílios de dentro da casa alagada pelas enchentes. Todo ano acontecia da mesma forma e todos os anos eles agradeciam, pois sobreviviam sem sofrer nenhum arranhão.

Dona contou que algumas vezes a mãe falava de homens estranhos que a vigiavam através de chip de computador e das redes elétricas, dos fios. Que estes homens queriam lhe tirar os filhos e mandavam documentos e papéis diversos, ameaçando-a. A mãe só parou de falar disso depois de uma vez que Dona e os irmãos ficaram na casa da avó e que a mãe não os viu por alguns meses. Quando eles voltaram da avó, a mãe estava diferente, não falava mais destes homens, tomava uns remedinhos azuis. Sempre olhando para a rede de

alta tensão que passava sobre a casa deles, mas não falava mais das ameaças de lhe tirarem os filhos. Uma vez por mês a avó vinha até a casa deles e as crianças ficavam com ela, enquanto o pai e a mãe saíam “para ir ao médico”. Voltavam no fim do dia com alguns doces para as crianças, um pedaço bom de carne ou alguns peixes, que eram preparados para o jantar daquele dia. Era bom, pois a avó passava mais tempo com eles e a comida, naquele dia, era farta. Ficou sabendo depois que a mãe estivera internada em um “sanatório”.

O tempo passou, a firma em que o pai trabalhava fechou e - em busca de melhores condições de trabalho - ele foi a Equis, acompanhando um amigo. Depois de dois ou três meses o pai retornou. Dona conta da noite que ele chegou. Era quente e os mosquitos não deixavam ninguém dormir. O pai chegou com um salame, um queijo e dois pães, como tinham ido dormir sem janta todos levantaram e foram comer. Depois a mãe mandou Dona e os irmãos deitarem e ficou conversando com o pai na frente da casa, o cão olhava para eles, como que sabendo que alguma coisa iria mudar. Eles conversaram até tarde e no dia seguinte a mãe anunciou a mudança.

Não levaram mais que um dia para arrumar o que iriam levar, a casa logo foi vendida para um casal que vinha de outra cidade. Uma carroça fez três viagens até a estação de trem e estava a família de Dona, com todos os seus pertences e o cão, partindo para Equis. A avó foi cinco anos mais tarde, com a filha mais moça, tia de Dona. Em Equis, foram morar em uma casa não muito longe de onde mora Dona agora. Ela apontou a direção de onde moravam os pais. Logo que chegaram a casa era alugada, mas, depois, o pai conseguiu um financiamento e a comprou. Dona e os irmãos estudaram. A mãe dela começou a falar das perseguições e do medo de lhe tirarem os filhos, aproximadamente um mês depois que chegaram, provavelmente porque esqueceram de buscar os remédios. Desta vez o que aconteceu foi que uma moça que passava de casa em casa para saber como estava a saúde das pessoas conversou com a mãe de Dona, perguntou como ela estava e percebeu que no meio da conversa os “medos” falavam. Perguntou se ela gostaria de ir a um lugar onde pudesse falar dos medos. Combinaram que ela iria e um dia o pai ficou com as crianças

e sua mãe foi a um Caps. Lá ela passou a ter acompanhamento terapêutico, inclusive, por um tempo, receberam visitas de um assistente social e um estagiário de psicologia. Depois de um tempo, Dona avaliara que sua mãe ficara mais tranqüila, embora falasse dos medos que tinha. Quando os filhos ficaram maiores e ela se sentiu melhor, teria começado a trabalhar em uma loja, vendendo roupas para crianças. Não eram ricos, mas muitas coisas mudaram.

Estas histórias vieram enquanto Gouche brincava com as crianças e a mulher fazia o almoço. A brincadeira estava boa, mas ele resolveu seguir viagem. Despediu-se e tomando a mala de garupa do canto onde a havia colocado, foi rumo ao portão. A menina deixou o brinquedo e entregou a Gouche uma das flores que enfeitava o caminho construído por eles. Ele abriu a mala, retirou um saquinho com bolinhas de gude e uma bonequinha de pano. Entregou para as crianças, agradeceu a hospitalidade e continuou, rumo à caixa d'água.

As conversas e os encontros vão se acumulando nas idéias de Gouche, as vontades de conhecer mais e estar mais com as pessoas aumentam, mas temos de continuar caminhando. Algumas vezes paramos para um mate, mas logo recobramos as forças e, refeitos, seguimos nosso rumo.

DEVANEIO II

Como se trata alguém com algum tipo de sofrimento mental? Qual o melhor tratamento, o melhor método? Devemos fazer cessar o delírio ou fazer falar o que o delírio diz por alguém? O louco “perdeu a razão” ou a loucura não tem nada que ver com “irracional”? Podemos delirar e viver? O delírio é o sofrimento? Onde há sofrimento? Quando tenho que intervir como trabalhador em saúde? Qual será a melhor técnica a escolher? Será que é uma questão de técnica?

A mãe de Dona está melhor? Supondo que sim, será que está melhor porque os delírios cessaram? Podemos cuidar de alguém se o retiramos de sua casa, de perto de sua família, das “fontes de suas inquietações”? Como

tenho apontado nada é, tudo está. Portanto o que escrevo é provisório, inclusive para mim, mas é o que agora posso pensar e sentir a respeito das perguntas que trago.

O delírio não é “o problema”, como muitas vezes a medicina ocidental vem tratando, pois só tratam os sintomas. Eliminam o delírio, as alucinações, as depressões, as euforias, as conversões, as tristezas, mas como disse uma personagem do filme “O Solista”: se não forem “eles” falando comigo, quem vai falar comigo. Se tiramos as vozes, se paramos as alucinações estamos, efetivamente, tratando as pessoas? Respondo que não. Os sintomas e sinais são parte das coisas para as quais devemos olhar e escutar. A atenção integral à saúde não se efetiva se não pudermos olhar para as pessoas em toda a sua complexidade subjetiva. Dona e sua família, antes de virem a Equis, não precisavam “só” de internação para a mãe, precisavam de uma rede de serviços e de equipes preparadas para atender à família como um todo. Eles precisavam de uma casa adequada, de água e de esgoto tratados, de trabalho, de acesso à escola para todos que daquela casa quisessem estudar, de ações em saúde, de promoção da vida, de educação para a saúde e o que mais corriqueiramente é solicitado, tratamento em saúde.

A internação pode ser efetiva no cessar dos sintomas; os remédios podem compor um plano terapêutico, mas isoladas estas ações não serão efetivas em atender às necessidades de saúde de uma pessoa. Pode-se ser efetivo - fazendo uso de tratamentos isolados - em tratar doenças, mas não se a proposta for pensar e promover saúde.

Saúde, doença, adoecer, vida é do que se fala e, segundo aponta Nilo *et al.* (2008, p. 28), “Sofremos porque somos, e sabemos que somos, incompletos, imperfeitos e finitos.” Sofrer faz parte da vida, não temos como viver sem sofrimento, mas temos como buscar estratégias e relações que nos permitam transitar por entre as pedras do caminho. Não há como não sofrer, mas viver “só-frendo” também não é possível. Aí começo a pensar nas “díades” da vida, nas coisas que nos parecem contraditórias, mas que são em realidade complementares entre si. Constituem nossa vida todas as coisas que vivemos, todos os encontros, todas as topadas e alegrias. Não podemos escolher algumas e outras “deletar” do vivido. No caso da mãe de Dona não se sabe “o quê” lhe causava sofrimento, “o quê” desencadeava as crises, podemos pensar

no que, para nós, em nossas limitações ou sob as situações em que ela se encontrava, seria adoecer, “surtar”, pedir colo ou ajuda, ou até desistir. Mas são estas experiências que nos constituem, que nos marcam. Somos o que fazemos das nossas experiências e mesmo que não façamos nada delas estaremos escolhendo não fazer.

A relação com a doença e o adoecer é o que constitui em nós nosso adoecer, não importa o que façamos, a vida que vivemos.

5 TRANSITANDO

Pois bem, depois de se despedir da família de Dona, segue Gouche para a caixa d'água. A cidade vai ficando cada vez mais distante e mais clara. Cada rua por onde ele passou vai se desenhando a seus pés e aparecendo para seus olhos. No alto daquela coxilha está o reservatório. Erguido alguns metros do chão. Uma escada se projeta do chão ao céu. Gouche sobe pela escada e, sentado sobre a caixa d'água, vê cada rua, cada avenida, a estrada ao longe, o Caps, as casas e os pequenos prédios. Ali ele almoça um sanduíche que trazia na mala e começa a lembrar-se da conversa com Falbalá e de como ela foi descrevendo a cidade e aqueles que foram os primeiros habitantes da cidade. Como eles vieram para Equis e de que pontos seguiram a planejá-la e projetá-la. Os prédios públicos acessíveis a todos, no centro da cidade, outros serviços de forma descentralizada, mas articulados entre si. A forma como a cidade foi se estruturando para que possibilitasse a todos os habitantes percorrê-la à pé, com veículos automotores ou de bicicleta, meio de transporte este muito utilizado pelos habitantes de Equis.

A forma como os serviços foram se estabelecendo e em seguida se articulando em rede, de modo a atender a população como um todo. Falbalá falava da cidade e da relação com as pessoas e destas com o “público” tratando-a como um sistema, um organismo, um Rizoma, para trazer uma referência à Deleuze. As pessoas transitavam como pequenos “bonequinhos” aos olhos de Gouche, cada um para um lado, carros, ônibus, caminhões, pessoas caminhando. Todos juntos desenhavam aquele caminho pelo qual passeavam os olhos de Gouche. Ele, tentando guardar em sua mala um pouco daquele desenho, esboça como era Equis em um pedaço de papel. Através de

grandes riscos, indicou as ruas e avenidas; indicando com setas e anotações os serviços e sistemas que foi encontrando e vendo.

6 A CIDADE

Gouche contou-nos que a cidade por ele visitada não tinha mais do que 60 mil habitantes, com algumas indústrias (onde boa parte das pessoas trabalhava) o que era motivo de grande crescimento populacional por conta das migrações em busca de trabalho. Toda a cidade era ligada por ruas e ciclovias. Ao norte ficavam as indústrias, a estação de trem e a principal rodovia, que ligava a cidade a outras cidades maiores e com os grandes centros urbanos.

A prefeitura ficava no centro geográfico, junto com o cinema, o museu e o centro histórico, bem como o ginásio municipal, o teatro, o hospital da cidade (referência para alguns municípios vizinhos) e o centro de eventos. Ao sul, ficava o Parque Municipal com um grande centro de formação em educação ambiental e que abrigava, também, o centro de reciclagem da cidade, onde mais de 80% do resíduo/lixo produzido pela cidade era reciclado. Do centro da cidade segue-se para qualquer ponto e, em menos de 45 minutos de caminhada, se pode chegar à zona rural, que ficava a leste e oeste do centro.

Alguns serviços e espaços públicos estavam presentes e disponíveis a todos os moradores da cidade, bem como aos visitantes, a preços acessíveis e/ou gratuitamente. Exemplos dos serviços públicos são os postos de saúde, equipados e organizados por equipes que atuam com base nas estratégias de saúde da família; escolas, desde a educação infantil até o ensino fundamental, bem próximo dos moradores, sendo que as de ensino médio e profissionalizantes ficavam em regiões mais centrais dos bairros. Havia praças e centros de convivência e cultura em todos os bairros onde as pessoas se reuniam nos fins de tarde para prática desportiva, jogos, brincadeiras, conversas ou ver o pôr-do-sol. Algumas vezes estes espaços públicos acolhem alguma apresentação cultural, ou exibição de filme, mas, em geral, as pessoas da comunidade é que organizam e propõem as atividades.

Todos os bairros possuíam um comércio local e, na parte central da cidade, encontrava-se a feira dos produtores (zona rural) em alguns dias da semana e os supermercados, sendo que a maior concentração de comércios

(atacado) ficava na região norte da cidade, por estar próximo da rodovia que liga o centro ao parque industrial e, também, mais próximo da Rodovia Leste-norte e da Ferrovia. A ferrovia serve como escoadouro de produtos da cidade, bem como de chegada de mercadorias de fora, mas, além disso, é forma de transporte dos passageiros dentro e fora do estado. Através da ferrovia se faz a maior parte dos transportes de carga ou pessoas, bem como turismo, posto que alguns trechos da viagem são em meio a florestas, chegando até o mar. Gouche mostrou suas anotações e esboços e para nós a cidade se desenhou, nos contornos das palavras mistas de Gouche e de Falbalá.

DEVANEIO III

A cidade tem seus contornos feitos pelas palavras. Palavras de Gouche ou de Falbalá. Ao percorrer a cidade, desenhemos seus contornos, temos seus limites, fronteiras, curvas, esquinas, ruas, estradas, casas, etc. O território se faz no caminhar, o mapa é feito a partir do narrar dos viajantes, como no livro *O sonho do cartógrafo*.

Segundo o que fui aprendendo sobre o modo como se organiza/propõe a saúde coletiva, o território é conceito fundamental. É sobre ele que se definem ações e políticas. Mas, como definir o que é território, como definir os limites deste ou daquele serviço, desta ou daquela equipe, desta ou daquela Secretaria de Saúde? Mais do que definir geografias espaciais a partir de medidas, distâncias ou ruas, considero importante pensar a geografia a partir das proposições e concepções de geografia de Milton Santos. Do território que se faz pelo caminhar dos sujeitos. Desta forma, pensar políticas públicas que consideram o território como “espaço por onde circulam as pessoas no seu viver”, é pensar serviços que olhem para os sujeitos, antes de considerar se ele é ou não do município, se ele pertence ao território. Mas, o pertencer ao território, como se define? Pelo caminhar.

Quando Falbalá anda por Equis e apresenta a cidade, não importam os limites “políticos” do “mapa”, importam as relações que ela estabelece, com quais pessoas ela se vincula. Os limites da cidade se narrados por diferentes pessoas serão diferentes. Alguém que nunca esteve em Equis terá de confiar no narrar de Gouche, se quiser conhecer Equis, e ele, por sua vez teve de

confiar no narrar de Falbalá para conhecer a cidade. Não quer dizer que a cidade descrita por Gouche fica limitada pelo narrar de Falbalá, também não quer dizer que Gouche sabe mais ou menos da cidade que Falbalá, apenas construíram caminhos diferentes e, portanto, mesmo que Equis seja “a mesma” ela é nova e distinta para cada um, pois são novas e distintas as trajetórias que cada um faz.

Cada história que narra Gouche é parte da cartografia (entendo que as histórias de Gouche não mapeiam o território, elas cartografam, pois vão contando sobre os movimentos dos que andam por ele e das modificações que todos vão sofrendo) do território por ele percorrido. Cada casa, cada pessoa, que cada uma das personagens conhece é um “ponto” em sua rede, é um “nó” de sustentação. Da mesma forma, precisamos pensar os serviços de saúde. Se são serviços para pessoas, devemos considerar o território a que elas pertencem (constitui também o território, a cultura delas) e se assim fizermos, podemos pensar um acolhimento e um plano terapêutico que se articule; ou articule a pessoa no território. Se sabemos onde fica esta ou aquela “marca” da cidade, se já andamos à pé, ou de bicicleta, se já fomos até a casa das pessoas, se pegamos o ônibus que leva do bairro até o centro, temos alguma condição de pensar serviços que atendam às pessoas, pois passamos a ter alguma “noção” deste território pelo qual o outro transita.

Podemos não ter caminhado pelas ruas onde o outro andou, mas se tivermos intenção de pensar serviços, teremos de confiar nas pessoas que nos contam de seus territórios, caso contrário, correremos o risco de criar serviços fortes em locais do território onde ninguém circula. Corremos o risco de criar serviços mais escondidos que as “citações” nos meus textos ou as críticas que faço.

A concepção de Rede e de território tem estreita relação, pois se o território se constitui pelo “andar” de cada um por um determinado espaço, as redes se constituem nas relações que estabelecemos nos serviços em que circulamos. Tanto em um, quanto em outro caso, os “marcadores”, as “referências”, os “nós” são as pessoas. As pessoas com quem estabelecemos relações nos serviços é que nos dão a “referência” do serviço. As pessoas que encontramos nas ruas é que nos “dizem” onde estamos. A senhora que rega o jardim de sua casa, na esquina, é a “marca” de que devemos dobrar à direita.

Não é a casa, a rosa, ou a velha, mas a relação que estabelecemos com este conjunto que nos dão a “referência” de onde estamos.

Se em um serviço somos bem atendidos e alguém nos pergunta sobre ele, dizemos: o “fulano” é bem atencioso; porém se nossa relação com o serviço é marcada por “maus-encontros” ou, por “des-encontros” diremos que o serviço é ruim.

Acolher, cuidar e apresentar a cidade é o que Falbalá faz por Gouche. Tanto no viver de Falbalá quanto no olhar de Gouche as duas são “uma”. A cidade e a jovem se completam e, mais do que isso, apresentam ao viajante uma cidade em que se quer estar.

O que conta Falbalá é parte do que conta Gouche, assim como o narrar de Camila ou Álamo, personagem que ainda surgirá nesta narrativa, compõem o que conta Gouche. As histórias de cada um se emaranham e formam “a história de Equis”, ou melhor dizendo, “as histórias de Equis”.

A história/a cidade que se desenha para o leitor é/são diversas histórias, diversas cidades, diferentes olhares, diferentes territórios, que aqui são comuns a nós. Aos que lêem e aos que escrevem. O que temos são os encontros e neles podemos desenhar, uns para os outros, nossos “mapas”, nossas cartografias, contar nossas “histórias”, criar nossas cidades.

A cidade de Equis é construída em parte pelo que aqui está escrito, em parte pelo que cria cada leitor ao ler e imaginar e, em mais da metade, pelo que nenhum de nós ousou imaginar.

Voltemos agora para Gouche e para o que ele fará depois de ter visto “toda” a cidade. Toda? Não. Pois nunca se chega ao horizonte, nunca completamos o mapa.

7 ÁLAMO - O GUIA

Quando deixa o “topo” da cidade Gouche resolve retornar ao posto de saúde, porém, como andara a esmo, não sabe como chegar até lá. Já eram mais de três horas da tarde e não haviam muitas pessoas transitando pela cidade. Gouche, parado em uma esquina, pensava em como faria para chegar ao posto de saúde, quando um rapaz, que aparentava pouco mais de treze anos se aproxima. Gouche vê nele a possibilidade de pedir ajuda. Fala, mas o rapaz parece não escutar, Gouche movimenta-se em direção ao menino e este, através de sinais, faz Gouche entender que ele era surdo. Gouche faz sinais e mímicas para o garoto, tentando desculpar-se e agradecendo a atenção, dando a entender que pediria ajuda a outra pessoa. O rapaz olha ao redor e não vê ninguém vindo na direção deles. Ele ri e, através de sinais, diz a Gouche que não tem mais ninguém ali para ajudá-lo. Percebendo que o rapaz estava disposto a ajudá-lo, mesmo que ele não compreendesse nada além do alfabeto em Libras. Dentro das possibilidades, e com o auxílio das letras do alfabeto e de gestos, Gouche consegue dizer para onde queria ir e os dois saem andando.

O garoto era bastante comunicativo, o que encorajou Gouche a continuar tentando uma comunicação possível. Em pouco tempo já riam das atrapalhões de Gouche e apontavam lugares e coisas do caminho, que eram “traduzidas” pelo rapaz. Eles conversam sobre os caminhos, o que estavam fazendo ali e para onde iam. Algumas vezes a comunicação “truncava”, mas retomavam dúvidas, recomeçavam a conversa ou começavam outros assuntos. Não importava o que era dito nem ouvido, mas o encontro.

Quando cruzaram uma grande avenida, Gouche reconheceu a rua que chegava ao Posto de Saúde. Confirmou com o garoto, que respondeu afirmativamente. Eles seguiram ainda alguns metros, mas em seguida o rapaz despediu-se indicando que iria tomar outra direção, diversa da de Gouche. Gouche agradeceu, seguindo a caminhada de encontros com a cidade ou encontros-cidade.

DEVANEIO IV

Durante minha graduação, estive em diversos espaços em que se conversava sobre inclusão. Dentre os temas mais discutidos, quando se trata da inclusão ou de uma escola ou comunidade inclusiva, está a questão da surdez. Os surdos são apontados por algumas pessoas como deficientes, por outras, como sujeitos de uma cultura diversa “da minha/ da nossa”, da dos “ouvintes”. Conheci diferentes pessoas e algumas delas eram surdas. No período e nos espaços da Residência Integrada em Saúde Mental, tive a oportunidade de reencontrar a temática da surdez, do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e algumas pessoas surdas. Estes encontros me convidaram/convocaram a revisitar o que “sabia”/estudara/vivi sobre inclusão. Soube que no Hospital Psiquiátrico São Pedro, na década de 1970, cerca de 30% das internações eram de pessoas “surdo-mudas”². O diagnóstico não era outro, mas a sociedade era outra, pensava de outro modo a diversidade, segregando, excluindo, maltratando. “Tratava” de outra forma: a segurança de todos, em detrimento dos internados ou, em tese, assegurando proteção dos acometidos, inclusive de si mesmos.

Diante da surdez algumas pessoas segregam e diante da segregação e exclusão podem criar uma outra cultura. Os “excluídos” se “juntam” e dizem então que “o outro”, “o ouvinte” é que é diverso. Constituem famílias, trabalhos, sociedades onde a língua é outra (diversa da falada). Sociedade em que os ouvintes ou aprendem este outro modo de comunicação ou passam a experimentar a exclusão. Não se trata de uma “exclusão” pelos surdos, mas de uma “relação de exclusão”, por não compartilharem a cultura e a língua e não pertencer ao grupo.

Como se aprende Libras ou outra língua? Falando, tentando comunicar-se e comunicando-se. Comunicar é ato necessário para a vida e se não estamos com outras pessoas como comunicaremos? Como aprenderemos outras linguagens e línguas se não nos depararmos com a diversidade? A

² Referência utilizada por algumas pessoas, principalmente por ignorarem que as pessoas, na grande maioria eram apenas surdas, mas com a surdez não aprendiam a falar.

surdez nos coloca diante de uma “marca” simples de diversidade. Podemos escolher o caminho de marcar no outro o diverso, dizendo que “ele” não escuta e, por isso, não fala ou podemos ir pela trilha que aponta a diversidade na relação, não conseguimos nos comunicar. Se tomamos a segunda perspectiva como guia para nosso fazer, buscamos modos diversos que estão no espaço da comunicação. Gestos, escrita, desenho, olhar, pintar, aprender/ensinar Libras... A questão não é a diversidade, mas o que fazemos com ela, como nos relacionamos com as pessoas frente às distinções nossas para com elas. Algumas distinções são historicamente inscritas no espaço da exclusão ou segregação, outras da genialidade e outras ainda seguem apenas como qualidades diversas para diversos modos de viver e relacionar-se com o mundo. Continuaremos a falar da comunicação, do ouvir, do falar, mas utilizando a imagem da pessoa surda apenas como um dos encontros possíveis com a alteridade e como uma metáfora para a relação humana. Convido o/a leitor/a a imaginar-se em um lugar estranho ao que conhece, em que as pessoas não conseguem compreender quase nada do que a elas dizem. E que tentassem dizer que estão com fome, frio, saudades, tristes, com dor de dente. Seu interlocutor ouvinte sacode a cabeça como se entendesse tudo que lhe é dito, mas não oferece pão, casaco, abraço ou analgésico. Na versão contrária o ouvinte insiste em informar que não consegue entender ou que não pode compreender, sem ao menos escutar ou tentar “entender”.

O sofrimento acontece, mas a perspectiva de que não cessará e que não é possível “dividi-lo” com ninguém aumenta o sofrimento, pois além de ter de lidar com a situação que nos está causando sofrimento temos de lidar com a solidão e a segregação. Temos de lidar com as ferramentas que temos e, se não conhecemos outras pessoas também não conheceremos outras ferramentas, outros modos de viver.

A surdez é fato, mas ela não impossibilita a comunicação, o encontro ou a aprendizagem. A segregação e a exclusão sim são impeditivos e limitantes para que aconteçam encontros. Se não contactamos com a alteridade, com culturas e pessoas diferentes de nós, não temos porque ou o que comunicar, por fim, não temos o que aprender ou ensinar.

Da vida faz parte o sofrer, mas sozinhos não podemos suportar a dor, por isso buscamos outros. Com quem comunicar e relacionar e, quem sabe,

aprender a viver com, sem ou apesar da dor. Ouvir o outro não é só “deixar que ele fale”, é compartilhar de sua dor. Ouvir o outro é “calçar os sapatos” daquele que nos fala e, depois de descalçá-los, dizer: acho que sei o que estás sentindo e (por isso) estarei contigo para o que precisares de mim. Fazer “com” o outro, mas não “pelo” outro. Dividir o peso, ajudar a carregá-lo e a pensar novos modos de existir.

Álamo aparece no caminhar de Gouche para que possamos olhar para o acolhimento. Nosso viajante é acolhido nas ruas de Equis, pelo rapaz que “não sabe sua língua”, mas acolhe. Aprende e, quem sabe, ensina. Com certeza encontra, pois estão todos dispostos e disponíveis para o encontro.

Depois de deixar seu “professor de Libras”, Gouche passou pelo posto de saúde em que Falbalá o levava e no qual conheceu Camila. O serviço estava com um pequeno movimento em torno de uma trupe de teatro que carregava um estandarte no qual se lia “Grupo: Cães com rosas”, Centro de Convivência Paineira. Algumas crianças seguiam o cortejo, outras seguiam com seus pais na carona das bicicletas.

A cidade estava com movimento de fim de tarde. As praças estavam povoadas, algumas pessoas já começavam a se reunir em rodas de conversa, nas sombras espichadas das árvores ou perseguindo os últimos raios de sol.

Estava Gouche tão absorto que não percebeu quando Falbalá se aproximou e perguntou da mão. Gouche ficou feliz em rever sua “anfitriã”. Agradeceu a atenção e o cuidado. Depois fez um pequeno comentário sobre a qualidade do atendimento que recebera e sobre como fora bem acolhido em Equis. Falbalá quis saber mais sobre as impressões do visitante e convidou-o a jantar em sua casa. Como Gouche estivera o dia todo caminhando e a única refeição fora a do alto da caixa d’água e algumas frutas que colhera no caminho, enquanto caminhava com Álamo, aceitou o convite.

Foram conversando sobre a cidade e Falbalá explicando algumas outras características de Equis, como, por exemplo, o que era o Centro de Convivência³, pois Gouche nunca ouvira falar deste lugar.

³ espaço onde diferentes pessoas, moradoras da cidade e do bairro, inclusive usuários dos serviços de saúde mental tem oportunidade de viver e produzir arte, inclusive como parte de seu tratamento.

A cidade, segundo a percepção de Gouche, era um lugar feito pelas pessoas que nela viviam, mas havia políticas públicas que, construídas pela sociedade, através de assembléias, representantes na câmara de vereadores, conferências, indicavam como deveria se organizar e ser construída a cidade, quais os serviços que necessitam, etc.

Outro ponto que Gouche achou importante foi o das reuniões de rede, em que, por regiões da cidade, diferentes profissionais dos mais diversos serviços se reuniam para pensar intervenções conjuntas, tanto para algumas famílias em especial, quanto para pensar o trabalho naquele território. Este espaço era de relevância para as políticas públicas municipais, cujos administradores sempre buscam apoio e articulação com estes espaços, através de sua participação.

Gouche contou também que vira a cidade do alto da caixa d'água e de como ficara impressionado com a forma como a cidade "funcionava", e com era pequena quantidade de pessoas que se utilizava de carros particulares. Falbalá explicou que isto se devia ao planejamento da cidade, que permitia que as pessoas se deslocassem utilizando outros meios de transporte, inclusive o transporte coletivo, que era bastante pontual, organizado e freqüente. Sobre como as pessoas o receberam bem, Falbalá só soube dizer que algumas vieram de fora, outras nasceram ali, mas ela reconhecia em todos bons anfitriões, pois sentiam-se bem na cidade que os acolhera.

Falbalá fez uma macarronada e uma salada de rúcula com tomate. Quando estava pronto o jantar chegou seu irmão. Jantaram, conversaram mais um pouco. Até que Gouche levantou-se, agradeceu a acolhida, a conversa e o jantar. O irmão de Falbalá era um rapaz de pouco mais de 20 anos, e moravam sozinhos desde que seu pai morrera, pouco mais de três anos antes. A casa era deles desde que seus pais casaram e vieram morar em Equis. Tinham um pequeno pomar na frente da casa, um jardim, alguns temperos e uma horta ao lado. Uma cadela, chamada Pipoca, ainda filhote, que corria entre aqueles que chegavam e anunciava a chegada de visitantes à dona da casa.

Gouche despediu-se, juntou a mala, que ficara sobre um baú no canto da sala e saiu em direção à noite. A cadelinha latiu, a lua brilhou. Falbalá e seu irmão acompanharam o visitante até o portão. Gouche seguiu em direção à

estrada férrea e, na noite iluminada pela lua, despediu-se de Equis, a cidade que o acolhera.

Não esteve lá mais que um dia, mas nas memórias ficaram diversos encontros, muitos aprendizados. Na mala, diversos achados, um carrinho de brinquedo e um livro de nome “As mil e uma noites”, presenteado por Falbalá e seu irmão. Daquele dia em diante se seguiram mil histórias sem fim.

DEVANEIO V

Gouche sai da cidade levando mais do que quando chegou, mas estas “coisas” que leva, na maioria, não são materiais, são marcas dos encontros, dos encontros possíveis. Assim é a vida, marcada de encontros; assim se constituem as redes, nas relações das pessoas; assim se constroem e desenham os territórios, no caminhar. No “sonho do cartógrafo”, o mapa se faz dos relatos dos viajantes, mas não só dos relatos do que viram, mas também das impressões daqueles que contam e daqueles que ouvem.

O “mapa” nunca está pronto, assim como as histórias nunca têm fim, mas algumas marcas no papel são feitas, alguns aprendizados vamos estruturando.

Quando trago a imagem da mala que Gouche carrega, lembro-me que, em aula da pós-graduação⁴, as professoras Analice Palombini e Sandra Fagundes, nos apresentaram uma “caixa de ferramentas” (conceito de Guatarri, retomado por Foucault e Deleuze). Transformo a caixa de ferramentas na mala de garupa, pois o que aprendemos, os conceitos que utilizamos (que operamos), constituem nossa caixa de ferramentas. Mas só experimentamos tais ferramentas quando nos deparamos com situações que nos fazem escolher este ou aquele conceito, esta ou aquela abordagem. Mas, para escolher temos de conhecer as ferramentas e tê-las à mão, por isso a imagem de uma mala de garupa, onde tudo de que se precisa está ao alcance. Permanecendo conosco, se utilizamos; abandonando, quando em desuso ou, mais para o fundo, quando em “espera” pelo momento de utilizar.

⁴Aula da pós-graduação em Saúde Mental Coletiva, que era vinculada à Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva.

Os encontros acontecem, apenas isso, acontecem. Algumas vezes nos encontramos com as mesmas pessoas por anos consecutivos, mas algumas vezes apenas no tempo de um olhar. Não importa o tempo, nem a duração, a diferença está no quanto se criou de espaço para subjetivação, do quanto nos dispusemos ao encontro, do quão intenso foi o encontro. Daí a marca, na memória, na história, na vida.

Quando invoco Mnemosine, a ninfa, quero a ajuda daqueles que trazem o que é vivo em nossa história. Isto é memória, o que nos faz ser o que somos, os encontros que tivemos nos marcam e os que não foram possíveis também. A ninfa guia aquele que narra a jornada por seus encontros e este, por sua vez, ao revisitá-los, atualiza-os. Os torna presentes, vivos para quem narra e para quem ouve.

Ao revisitar o narrar de Gouche, através da escrita surgem cenas, personagens e lugares que dizem do que aponto por Utopia, do que acredito como possível e “pensável” em relação à saúde mental.

As pessoas quando bem cuidadas, aprendem a cuidar bem. Os lugares, são feitos pelas pessoas que neles habitam e as cenas, são flashes do que pode acontecer ao chegar ou passar por este lugar chamado Equis.

Os cuidados em saúde e em especial os que dizem respeito à Saúde Mental ficaram, talvez, escondidos, mas o propósito era poder dizer sem falar, contar do vivido de modo que o leitor pudesse pensar-se enquanto visitante de um lugar não tão distante, mas ainda no horizonte. E ao deparar-se com essas cenas (90% inventadas e 10% mentira, como diz Manoel de Barros (2006)), pudesse pensar-se em uma rede que o acolhesse e cuidasse de seu sofrimento. Que ao “ver”, “ouvir”, “imaginar” o sofrer do outro, pudesse “calçar seus sapatos” e imaginar como seria bom poder ser acolhido como “deve ser feito um acolhimento” ou ter acesso ao que lhe é garantido por direito, mas (muitas vezes) não de fato.

Conhecer Gouche, para mim, foi uma aventura, pois ouvi-lo contar dos lugares por onde andou, do que viveu e das pessoas que encontrou é olhar para mim e reconhecer um pouco de minha ignorância sobre a dimensão do mundo, é poder desejar que as coisas sejam diferentes, que as pessoas cuidem umas das outras, que a vida seja vivida e que o sofrer seja acolhido, do modo como ele se apresentar.

Contei do que em mim produziu marcas no encontro com Gouche, não foram muitas cenas, algumas ficaram de fora, mas estive nelas com aqueles que leram este texto.

8 QUANDO CHEGAMOS... ONDE MESMO CHEGAMOS?

Quando, finalmente, chegamos ao prédio onde Gouche nos havia apontado querer chegar, olhou-nos, como quem se despede e disse: sigamos sempre...

Virou-se em direção ao Por-do-sol e, apontando a imensidão do mundo que, do alto daquele prédio víamos ainda maior, perguntou se o acompanharíamos. Como nossa resposta foi negativa seguiu até as escadas e, quando ganhou a rua, seguimos seus passos, com o olhar de quem quer, mas não pode mais seguir. Parou, pôs a mala à esquerda, voltou-se para nós ainda mais uma vez e acenou. Juntou a mala e pôs-se a caminhar na direção do horizonte. Seguiu a passos largos, mas tranquilos, sem pressa, preciso em seus movimentos. Junto com o último raio de sol ele desapareceu na noite.

A noite? O tempo? Um clarão? O sol.

Súbito abro os olhos, estou em pé, olhando na direção de um prédio alto e distante. Sozinho. A noite vem chegando e penso: Como faço para chegar lá? Alguém parece me olhar e perguntar a si mesmo: porque a mochila e a barba por fazer? Quem será ele?

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COWAN, James. **O sonho do cartógrafo**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

NILO, Kelly *et al.* (Org.). **Política de saúde mental de Belo Horizonte**: o cotidiano de uma utopia. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, 2008.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: Loucura e desrazão. Editora Brasiliense, 1989. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/peter/clausuradofora.pdf>>
Acesso em: 09 nov. 2010.

WRIGHT, Joe. **O solista**. Inglaterra : Paramout Pictures, 2009. 117 min.